

ORGAM LITTERARIO E NOTICIOSO

COLLABORADORES DIVERSOS

Desterro, 26 de Dezembro de 1887

EXPEDIENTE

Assignatura

Por mez 500 rs.

PAGAMENTO ADIANTADO

Publicação semanal

ESCRITORIO DA REDACÇÃO

Rua de João Pinto n. 43

CREPUSCULO

Desterro, 26 de Dezembro de 1887.

Temos lido com verdadeiro enlevo os artigos publicados ultimamente pela «Tribuna Popular», sobre a escravidão em nossa provincia.

Resalta a qualquer intelligencia a força logica, e lingua-gem amena e persuasiva com que são elaborados esses artigos, que assim convencerão mais, do que outros, que em outras folhas tem apparecido, trabalhando para o mesmo fim, é certo, mas em termos que mais importam coacção do que convencimento.

Como esses escriptores, entendemos que a nossa provincia, e principalmente a nossa capital, não deve demorar por mais tempo a libertação de seus captivos, cujo numero é tão di-

minuto, quão diminuto será também o sacrificio pecuniario que d'ahi resulte aos senhores.

Elevemos a nossa provincia a importancia e gloriosa nomeada, de que mnitas hoje gozam.

Sabemos bem que não estamos na altura de nos enfileirarmos com os nossos collegas da imprensa, e menós ainda de tratarmos de assumptos de tão subida monta. Seja nos porém relevada a nossa ousadia, attendendo-se á justiça e elevação da causa, para nós magnanima e nobre.

NOTICIARIO

Lyceo de Artes e Officios

Terminaram no dia 20 do corrente os exames d'este estabelecimento, que muito satisfizeram aos espectadores, dando assim as mais evidentes provas do esforço do digno corpo docente e da muito boa direcção.

Quão relevantes são os serviços, prestadps pelo Lyceo a mocidade Desterrense!

Não deixamos em todo o caso de n'estas occasiões louvar ao Sr. Dr. Theodoro Sauto, a quem devemos a fundação d'este estabelecimento. Foi um acto humanitario, a fundação do Lyceu, a mocidade pobre, que a noite, quotidianamente vai

n'elle beber a illustracção, como a borboleta o nectar delicioso e aromatico das flores.

Não podemos dizer que o Lyceo já não tenha dado resultado algum: tem como ultimamente temos tido occasião de ver

O ensino é nobre: é o mais claro conhecimento que pode o homem conseguir, visto que hoje, no seculo mais notavel o XIX, para o apparecimento de nossos nomes elle é a principal base.

Oxalá, caminhe assim, sempre assim ativo e notabilisado o Lyceo, sempre c'uma grande quantidade de alumnos, que ha de ter a gratidão dos povos conhecedores, do elevado serviço que está prestando o corpo docente.

Teve lugar hontem ao meio-dia, a distribuição de premios aos alumnos e alumnas que melhor se exhibiram nos exames.

Cincinato Livramento

Chegou no dia 16 do corrente, o nosso estimado collega, o Sr. Cincinato Lydio do Livramento, alumno da Escola de Marinha, á esta capital, afim de passar as ferias da dita Escola, no seio de S. Exm. familia.

Comprimos satisfatoriamente ao nobre collega.

DEZ PRIMAVERAS

Completo no dia 19 do corren-

te, dez roseas primaveras, a jovenzinha Olga Natividade, filha do Illm. Sr. Joaquim Natividade.

Olga, é uma mezinha encantadora: aformoseando-a tão bem, seus lindos olhos pretos que scintilam tanto, como duas estrellinhas crepusculares.

Dez primaveras, epocha feliz!

Olga, pega umas quantas rosas, em saudação aos teus annos.

TUA CARTA

E' o titulo d'uma poesia de bastante folego que hoje publicamos do nosso amigo, o inspirado poeta Timotheo Maia, a qual, recomendamos aos nossos leitores.

E' um poema poeta a tua Carta. Avante! que na poesia serás sempre ditoso, avante! que só assim mais radiante ficará teu craneo de —Luz!

SONETO

O nosso sympathico e estimado amigo, muito digno representante da nossa folha na cidade da Laguna, o Sr. Carlos de Faria, inspirado poeta, deixou-nos em Outubro p. p. quando esteve aqui, entre nós, de passeio, uma collecção de lindas e bem escriptas poesias, entre as quaes, o soneto que hoje publicamos, foi d'aquella collecção, a poesia mais radiante e conquistadora de muitas sympathias.

Carlos, pega lá pelo teu primoroso soneto, um perfumante — *poignée de fleurs*.

REFLEXÃO

(No cemiterio)

Eis o lugar aonde repousa a hirta e gelida humanidade, n'este lugar sinistro e herrendo, em que ali ouve-se os lamentos da desventurada esposa, aqui, um filho pobre orphão,

derramando sobre a campa de um extremoso pai, lagrimas tão puras e crystalinas como o orvalho da manhã!

Eis o lugar em que o homem, depois de exalar o suspiro ultimo, depois que a alma, ser immortal, vò além das portas do infinito, o corpo esta materia já inerte e gelida, é encerrado na escuridão profunda da terra! E' tão curta a vida do homem, quando acompanha-a a felicidade, e tão longa quando é guiada pela desgraça e pelos grandes padecimentos, que o levam a descreer da vida, a crer que lá nas alturas infinitas, não existe este ente perfeitamente bom e caridoso, o Deus do Univer-o, que vê gemer sobre a terra, a pobre creatura no leito vil da miseria!

O homem? O homem não vive, porém só sente roçar-lhe pelas faces bafejos de existencia; a vida do homem é como a da flôr crestada aos brandos sopros da aragem!

E nós que ainda sentimos roçar-nos pelas faces bafejos de existencia, espraíamos um olhar pelo Infinito, interrogamos os impenetraveis segredos da natureza, e curvamos-nos perante estes que a seis mil annos regem o universo inteiro.

Quando o homem se julga feliz no mundo, colhendo o delicioso fructo das delicias terrestres, e se prepara luctas do futuro, a morte para qual não ha leis, arranca-lhe a existencia precipitando-o nos abysmos do nada: á ella não valem as supplicas de uma mãe, nem o pranto de uma esposa desventurada, ella é que vem apontar ao homem a estrada final, e mostrar nas negras paginas do destino que o homem tambem tem seu fim-nascer para morrer.

Portanto a vida é um sonho de phantasias. A vida do homem desaparece tão depressa, assim como ao sopro do vento o perfume de uma flôr.

BRIGIDO PEIXOTO.

Desterro, 21-12-87.

AS MULHERES E A MULHER

(Philosophia á vapor)

« E' frequentissimo ouvir-se dizer:

As mulheres são o demonio.

—A mulher é o anjo da familia.

E estas duas affirmações, tão contradictorias entre si, são duas grandes, duas incontestaveis verdades.

Parece um paradoxo, e não é.

Os homens perdem-se pelas mulheres, arruinam-se pelas mulheres, e... até se matam pelas mulheres.

Oh! as mulheres, matam-nos, é certo e no entanto — que prodigio! a mulher alonga a nossa vida.

—E onde está essa mulher?

—Em toda a parte.

—Como encontrá-la?

—Nada mais facil, porque, onde quer que haja uma mulher é essa a que nos salva.

—Deve ser formosa?

—Ou feia.

—Deve ser rica?

—Ou pobre.

—Então são todas as mulheres?

—Não, só uma.

—Pois só uma forma tão singular privilegio?

—Não, todas possuem.

—E' incomprehensivel!

—E' mathematico.

—E' um trocadilho de palavras?

—Ao contrario, é uma serie de factos.

—Quem os conhece?

A experiencia.

—Quem os conta?

—Todos nós.

O amante diz a todas as mulheres:

« Morro por ti! »

O marido diz a sua mulher:

« Por ti vivo! »

Diz o amante: « Minha esperanza, minhas illusões, meu amôr. »

E diz o marido: « minha mulher, meus filhos, e minha familia. »

« Tu és a minha alma, a minha vida. » Diz o amante a todas as mulheres.

E o marido apenas pode dizer a uma só:

« Tu és a minha esposa a minha ventura. »

Eis aqui uma dupla questão de moral e de...hygiene

Tal é o irresistivel attractivo, o encanto permanente, que fortifica o dominio que a mulher exerce sobre o homem.

E' um segredo com que ellas não contam.

As mulheres matam.

A mulher dá a vida.

Todas... são a mentira.

Uma... é a verdade.

Todas... são a loucura ou o vicio.
Uma... é a razão e a verdade.
Muitas... são o prazer.
Uma... é a felicidade! »

D' A Republica.

SCENAS DA ROÇA

A' FRANCOLINO CAMEU

(Rapido)

I

Rompia a manhã.

A brisa era serena, o mar corria semi-brando e as aves faziam ouvir-se seus maviosos trinados.

N'este instante, eu, ebrio ainda por um tão delicioso somno, dirigi-me á um sitio pittoresco e sadio, em cujas mattas, um bando de periquitos voava, cantando repentinamente.

O sitio é agradável.

Uma familia nobre que n'eile habita a annos e cujo numero de pessoas é bem diminuto, ao ver-me francamente na estrada, offereceo-me um *café*, convidando-me para que entrasse a sua casa, afim de descançar da viagem.

Entreí. Logo me appareceo como a dona da casa, uma velha robusta, gorda, que pela physionomia me parecia ser bastante impertinente e ignorante!

Possuia a tal velha, uma neta de nome Bazilia. Tratavam-na em casa por Yáyá.

Yáyá, é uma rapariguita maliciosa, bem conservada, olhos pretos, cabellos cachoados, cutis alvas e sonora falla.

Entretanto não deixei de apreciar a menina Yáyá, depreciando porém, o pessimo defeito que tem: ser maliciosa. Todas as manhãs, assim que a penas o resplandecente rosicler da aurora começa a mostrar-se harmoniosamente e luminoso, costuma ella a espantar a pedradas alguns *passaritos* que poisam n'um copado e alto jambeiro, que fica á frente de sua casa, as mais das vezes até matando-os, como tive a occasião de ver um dia em que fazia muito frio.

—Nada, isto já não tem mais geito; pois rapariga, tu cuidas então que é só não fazeres caso dos bons conselhos que te dou e matares vil-

mente os passaros que me alegram diariamente com seus cantos maviosos e esplendido? exclamava a velha.

—Não, vóvò, eu não mato os *passaritos*. apenas atiro pedradas para apanhar aquelle jambre que está lá em cima (apontando) está vendo vóvò, respondeu Yáyá.

Mas qual, não passava d'uma grande ironia de Yáyá, pois que ella sempre se habituou a matar todos os bichinhos que via.

Mais tarde porém apparecera-me um rapaz grosso, estúpido, rapaz da roça, com um grande *bodoque* ao hombro, dando-me uns bons-dias com a voz cantada, dizendo a avó que ia ver se caçava algum passaro.

Fiquei pateta por um momento assim que o vi pronunciar semelhantes palavras, a pensar e a dizer com os meos botões:—querem ver que todos d'esta casa passam a vida a matar passarinhos?!

N'isto Yáyá, indo atirar uma pedra de cima de um barranco, escorregou e... zás, quebrou uma perna.

Pobre infeliz!

A avó ficou atolemada e exclamou d'uma das janellas da casa:—é bem feito, é bem feito, eu não te disse que não fizesseis mal aos passarinhos, é bem feito, agora Deus te castigou, que é para outra vez seres mais attenciosa.

A pobre Yáyá nada disse, ficou ajejada, precisando andar com muletas.

O bom do rapaz que ainda não sabia que Yáyá havia quebrado uma perna, veio da caça, cantando uns versos com assobio e trazendo entre os dedos uns quantos sabiás mortos.

Ao chegar á casa, vendo a infeliz Yáyá de muletas, exclamou:

Hué, hué, então quebraste a perna?!

—É verdade e a ti não aconteceu nada?

—Nada, graças a Divino Espirito-Santo, benzendo-se.

Visto portanto, ter-se dado a calamidade de Yáyá, quebrar a perna, o rapaz não mais quiz ir caçar, completamente de caças temeu-se.

Acabando então eu de apreciar outros *pedacinhos e mais etc. e tal,*

despedi-me da nobre familia, agradecendo humildemente a offerta que me fizera.

O passeio foi esplendido. Quando voltei eram 6 horas da tarde, o sol apresentando seus rutilantes raios crepusculares, dava um tal aspecto particular a natureza que só se ouvia o canto da cigarra e sentia-se o fresco olor das flores!

SABBAS COSTA.

Desterro, 22 12-87.

À tua carta

Ao lér a carta de lavas,
que me mandaste a dias
contando todas as maguas
que dentro de ti trazias!

Julguei que fosse ella escripta
por uma rosa em delirio
oh! de uma estrella infinita
que namorasse algum lyrio!

Pois vinha tão perfumada
no fresco olor da malva,
que jurei ser enviada
pelo sól—á estrella d'alva.

Uma carta assim de gosto
onde a sciencia profunda,
lambrou-me a jura tão funda
que me fizeste em Agosto.

Fallavas no nosso amór
n'uma linguagem tão nobre,
qu'eu até me acho pobre
para responder-te—flór!

Perguntas-me pela trança
que uma vez me mandaste
das flôres que me offertaste
como uma prova d'esperança.

De tudo fiz um theouro
que o trago bem junto ao peito,
n'uma medalha de ouro
que é um coração perfeito!

Não me enganei Simhasinha,
quando te disse entre beijos
ao sopro dos meus desejos
que eras minha, só minha.

Já ando a dias acismado
na carta que me escreveste,
mil phrases escogitando
para poder responder-te.

Eu quizera inspiração
que só tú possas sentir,
mas sabes? a educação
nunca p'ra mim quiz somtr

Não tenho phrases bonitas
colhidas das primaveras,
como as tuas infinitas
roubadas lá das espheras!

Não posso, não posso loira,
não tenho a penna sonóra
nem a tinta sarridoira,
com que Deus traçou a aurora!

Eu quizera ter no craneo,
um ideal todo estrellado,
como o azul do oceano
aos raios do sól doirado!

Para então eu responder
a carta que me mandaste
esté sacrario ridente
onde o amôr confessaste.

Se a tua carta donzella
é um ardente poema,
cada uma estrophe—uma estrella!
cada uma phrase—um problema!

E' bem necessario ao menos,
qu'esse meo craneo subtil,
escreva uns traços serenos
como os das noites d'Abril!

Que tú ao leres creança
sintas no peito um vulcão
lançando lavas d'esperança,
n'uma ridente explosão!

Tem paciência e espera,
que o craneo consulte a alma,
para te dizer com calma,
tudo que meo peito encerra!

TIMOTHÉO MAIA.

Desterro, 22—11—87.

(Dos Cantos Matinaes)

Um Quadro...

A' intelligente D. Brites Barreiros

(Rapido)

Como é sublime e como agrada á vista
o vosso quadro nitido, senhóra!
Eu n'elle vejo do talento a auróra,
e em vós eu vejo mãos geniaes de artista!

Não sei que seiva mystica de orvalho
me entra pela alma quando os olhos fito
de uma mulher n'um optimo trabalho
raio de sól cahido do infinito!

Ah! se no mundo todas a emitassem,
talvez que da Arte os céos se irradiassem
com melhor luz de novos rosiclères!

E' bello sempre um corpo diligente:
portanto é bom que o *dolce—far—niente*
seja — o trabalho — a todas as mulheres!...

Laguna, 27—9—87.

CARLOS DE FARIA.

(Dos Meteoros).

IBRANTINA

Por falta de espaço deixamos de publicar hoje, a continuação da Ibrantina, e a poesia — Adeus — do nosso illustrado collaborador o Sr. Ernesto Pires, o que faremos no proximo numero, pedindo-lhe que nos disculpe por essa tão irreparavel falta.

GABINETE JORNALISTICO

Recebemos o ultimo numero da «Evolução» que appareceo á 19 do corrente, n'esta capital.

E' organ do Club Republicano Federativo do Desterro.

Publica-se quinzenalmente.

Bons artigos, sempre a «Evolução» apresentou aos seus amaveis leitores, dando

assim, evidentissimas provas da illustração intellectual da digna pleiade de homens distinctos que collaboram-na.

Agradecendo porém a visita de tão illustre collega, que procura adquerir o bem estar de nossa Patria, daremos em troca a nossa humilissima folha.

A VISO

Aos Srs. Assignantes

Daremos começo d'amanhã em diante, á cobrança das assignaturas do presente mez, pedindo-lhes o obsequio de nol-as satisfazerem, afim de não ser interrompida a entrega d'este periodico.

A REDACÇÃO

Typ. da Regeneração.